

CONFLITO ENTRE CIÊNCIA E RELIGIÃO EM GOULD, HARRIS E DAWKINS

Conflict between science and religion in Gould, Harris and Dawkins

Rogério Fernandes Silva¹

RESUMO

Um dos assuntos recorrentes no debate sobre o ateísmo é a identidade que a tese do conflito entre ciência e religião costuma ocupar no discurso. A criação e divulgação da “tese de conflito” tem respaldo nas obras neoateístas, sendo muito importantes tanto os posicionamentos mais favoráveis à religião – neste caso, temos as afirmações de Stephen Jay Gould, que luta contra os aspectos negativos da tese – quanto, por outro lado, os dos pensadores ateus – como Sam Harris e Richard Dawkins, que estão contra as afirmações de Gould, como se a tese de conflito fosse parte importante da identidade ateísta. Este trabalho visa a pensar como os dois lados antagônicos se posicionam.

Palavras-chaves: Ciência, religião, ateísmo, conflito.

ABSTRACT

One of the recurring subjects of the debate about atheism is the identity that the thesis of the conflict between science and religion usually occupies in the discourse. The creation and dissemination of the “conflict thesis” is supported by neo-neo-artistic works. It is very important that positions that are more favorable to religion in this case, we have the statements of Stephen Jay Gould that fights against the negative aspects of the thesis. On the other hand, there are atheist thinkers like Sam Harris and Richard Dawkins who are against Gould's claims, as if the conflict thesis were an important part of atheistic identity. This work aims to think about how the two antagonistic sides are positioned.

Keywords: science, religion, atheism, conflict.

INTRODUÇÃO

Nos Estados Unidos, os conflitos religiosos e científicos recrudescem no início do século XX. Em um dos eventos citados pelo paleontólogo Stephen Jay Gould no seu livro *Os Pilares do Tempo: ciência e religião na plenitude da vida* (2002), foi o caso do julgamento de um professor de educação física substituto que ensina evolução das espécies como era entendida

¹ Professor na rede pública do Rio de Janeiro, historiador (UERJ), mestre em Ciência das Religião (PUC/SP), doutorando em Humanidades, Culturas e Artes (UNIGRANRIO). E-mail: prof_rfernandes@yahoo.com.br

na época, em aulas de biologia, o que criou um incidente que ficou conhecido como o *Julgamento do Macaco*. Este caso representa a disputa jurídica norte-americana sobre aquele sistema de ensino, descentralizado e a cargo dos estados da federação, além de estar relacionado a outros pontos: o tipo de projeto educacional federalista, portanto descentralizado, do país; o tipo de leitura da Bíblia entre os norte-americanos; e a Teoria da Evolução darwinista. O mesmo tema foi levado para as telas de cinema, com o filme *Inherit the Wind* (“O Vento Será Tua Herança”), de 1960. O filme é adaptação da peça homônima de Jerome Lawrence e Robert Edwin Lee. A peça e o filme retratam um acontecimento real: o julgamento de um professor do estado do Tennessee (EUA), com base na lei que proibia o ensino do darwinismo no estado, vindo a marcar a cultura americana. Desde então, o tema do conflito entre ciência e religião sempre reaparece no teatro e cinema dos Estados Unidos.

O mesmo tema também se apresenta em documentários e séries, como “Cosmo”, apresentado pelo astrofísico Neil de Grasse Tyson e produzido por Seth MacFarlane, também produtor da animação *Family Guy* (“Família da Pesada”), declaradamente ateu e defensor da “tese de conflito” – conforme demonstraram vários de seus projetos para a televisão. No Brasil, pouco se produziu sobre a questão desse conflito em si. Nossa produção cultural que visasse à laicidade ou ao secularismo começa por influência do Positivismo.

Segundo o pesquisador americano sobre religião, Ian Babour (2004), há quatro modelos de relacionamento entre ciência e religião: o Modelo do Conflito, o Modelo de Magistérios Não-Interferentes (MNI), o Modelo de Fusão e o Modelo de Complementaridade. É preciso ressaltar que o Modelo de Magistérios Não-Interferentes não é contribuição original de Babour, mas de Stephen Jay Gould, paleontólogo e biólogo evolucionista norte-americano. Ao pensar esta tese, é preciso, de certa forma, tomar um partido entre esses modelos e verificar se historicamente, conforme o ponto de vista de Gould (2002), a ciência e a religião caminham lado a lado sem interferir uma na outra, pois tratam de dimensões humanas diferentes.

Nos tópicos a seguir, demarco a ideia de conflito pelo pensamento neoateu. Para tanto, utilizo textos de autores como Stephen Jay Gould, Sam Harris e Richard Dawkins, que exemplificam a linha teórica. As obras são permeadas pela tese de conflito. Primeiramente, Gould será explicitado em suas ideias, depois discutiremos a rejeição a ele em Harris e Dawkins.² Esses dois últimos autores são escolhidos devido à combatividade, influência e sucesso editorial.

² O movimento neoteísta surge em 2004 com o sucesso editorial da obra *Carta a uma Nação Cristã*, de Sam Harris, influenciado pelos ataques de 11 de setembro de 2001, que abalou a economia e o espírito americano. Além

Magistérios não-interferentes, uma teoria popular

Stephen Jay Gould (1941-2002), em *Os Pilares do Tempo: ciência e religião na plenitude da vida*, fez a defesa de uma concepção para solucionar a tese de conflito entre ciência e religião, a qual chamou “Magistérios Não-Interferentes”.

Fiz duas afirmações preliminares ao estabelecer minha concepção da correta relação entre a ciência e a religião como MNI, ou magistérios não-interferentes: primeiro, essas duas áreas têm um status igualmente válido e necessário para qualquer vida humana completa; segundo, elas são logicamente distintas e inteiramente separadas em seus estilos de investigação, não importa quanto e quão estreitamente devamos integrar as noções dos dois magistérios para construir a visão rica e completa da vida chamada tradicionalmente de sabedoria. Assim, antes de apresentar alguns exemplos (na segunda parte do capítulo, mais concreta) que sustentarão as generalidades da primeira seção, devo defender essas duas alegações fundamentais a respeito dos MNI de um desafio evidente inerente à estrutura de minha argumentação (GOULD, 2002, p.52).

Um problema do pressuposto de Gould é ignorar que visões de mundo e métodos filosóficos e científicos têm consequências além de suas áreas específicas de conhecimento. Sempre irá haver conflitos, mas não tão determinantes quanto propõem os pensadores neoateus. A teoria é muito usada tanto pelos que a defendem quanto pelos que a atacam. Ela preencheu um espaço dentro da pesquisa sobre a história da ciência, pelo aspecto de combate a diversos lugares comuns que se formaram a partir do século XIX e que se estabeleceram como preconceitos dentro do estudo de ciência. Gould procura referências históricas em Huxley³.

Então, em um trecho de conclusão que me traz lágrimas aos olhos, Huxley resume uma defesa pessoal dos MNI na exposição dos três aspectos não-interferentes da integridade pessoal - a religião para a moralidade, a ciência para os fatos e o amor para a santidade - que foram o fundamento de sua vida e deram-lhe significado (GOULD, 2002, p.39).

da revanche militar, deu-se um movimento protagonizado por acadêmicos norte-americanos preocupados com o fundamentalismo religioso. O termo ‘neoateu’ surge como jargão jornalístico para identificar os autores que se engajam numa atitude editorial antirreligiosa. A divulgação neoatêsta rompeu com a limitação de ser um nicho editorial de *bestsellers* e acabou indo para o mundo virtual, sendo compartilhado interativamente, seja por cópias em PDF ou divulgações dos vídeos dos escritores, considerados “os quatro cavaleiros do neoatêismo”: Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennet e Christopher Hitchens, o último citado já falecido em 2011 (SILVA, 2015).

³ Aldous Leonard Huxley (1894-1963) foi um escritor e filósofo inglês, pacifista e místico autodidata. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/aldous_huxley/> Acesso em 30/08/2020.

Huxley, citado por Gould, descreve a religião ligada à moralidade, aos fatos e à santidade, para dar significado à vida, o que a ciência não pode fazer. Gould parece compartilhar do mesmo sentido, a religião como significante existencial. Sam Harris discorda disto. De acordo com Harris, a ciência pode também nos dar moralidade e significado.

Gould também recorre a outro brilhante escritor inglês, Chesterton⁴, na via de procurar referências históricas para sua concepção de “magistério”:

Podemos tomar emprestado uma linha paradoxal ao ensaísta inglês G. K. Chesterton, que não estava só confirmando um estereótipo nacional de opor a qualquer coisa vibrante e espontânea a voz de uma “razão” estoica e restritiva (“nada de sexo, por favor, somos britânicos”), mas que resumiu uma profunda compreensão sobre solucionar impasses e adquirir conhecimento quando afirmou que “a arte é limitação; a essência de cada quadro é a moldura” (GOULD, 2002, p.47).

O paleontólogo americano defende uma concepção de religião como um magistério próprio, e explica na qual esta se especializa:

No entanto, as sociedades humanas geralmente concentraram o discurso desse magistério em uma instituição chamada “religião” (que, apesar do nome único, manifesta uma diversidade de abordagens surpreendente, incluindo todas as crenças possíveis sobre a natureza, ou mesmo a existência, do poder divino; assim como todas as atitudes possíveis de liberdade de discurso versus obediência a textos ou doutrinas imutáveis) (GOULD, 2002, p. 50).

Foram duas, na cultura anglo-saxã, as obras basilares a influenciar a ideia de que a ciência e a religião são inimigas: os livros de Andrew Dickson White e o de John William Draper, publicados no século XIX.

Andrew Dickson White (1832-1918), o primeiro reitor da Universidade de Cornell, também foi representante americano na Rússia em meados da década de 1890. Pouco depois, em 1896, publicou um trabalho em dois volumes que se tomou um dos livros mais influentes do final do século XIX: *A History of the Warfare of Science with Theology tendom* (GOULD, 2002, p.81).

Draper escreve no momento da história dos Estados Unidos em que prepondera um forte sentimento anticatólico devido à vinda de imigrantes alemães e irlandeses. Inclusive, os protestantes temiam que esses imigrantes católicos superassem a população já estabelecida.

⁴ Gilbert Keith Chesterton (1874-1936) foi um escritor inglês autor de livros sobre filosofia e teologia, famoso também por travar debates com expoentes ateus de sua época, por seu interesse em apologética. Escreveu obras como *Ortodoxia* e *O Homem Eterno*. Disponível em: <<https://www.sociedadechestertonbrasil.org/g-k-chesterton/>>. Acesso em 30/08/2020.

Draper levanta uma tese, que será muito utilizada depois por outros, de que o progresso exige a vitória da ciência sobre a religião

Essa desafortunada confusão também pode ser atribuída ao segundo livro mais importante desse gênero literário, a mais antiga e igualmente popular obra do físico e historiador John William Draper, publicada em 1874 e intitulada *History of the Conflict Between Religion and Science*. Draper, bem menos sutil do que White, e bem menos simpático à religião, também queria dizer “teologia dogmática e sectária” quando escreveu “religião” em seu título, mas o texto de Draper pode ser lido legitimamente como um ataque à religião, ou pelo menos a um tipo específico de religião – pois ao mesmo tempo em que tinha esperanças de que fosse desenvolvido um relacionamento de apoio mútuo entre a ciência e o protestantismo, Draper promovia ativamente o preconceito muito comum dos americanos bem-sucedidos da época – um virulento anticatolicismo dirigido à religião da maioria dos imigrantes pobres, o “populacho” que ameaçava diluir a raça original (GOULD, 2002, p. 84-85).

Os dois livros, de Dickson e Draper, foram publicados em diversas línguas. Segundo minha pesquisa de doutorado, há um exemplar de cada em português na Igreja Positivista de Curitiba.

Com o advento das novas mídias no século XX e, conseqüentemente, da cultura de massa, as ideias sobre o conflito se popularizaram e deixaram de ser aspectos de uma classe intelectualizada.

Especificamente, a teoria dos “Magistérios Não-Interferentes”, mediante duas afirmações preliminares, estabelece que

[...] primeiro, essas duas áreas têm um status igualmente válido e necessário para qualquer vida humana completa; segundo, elas são logicamente distintas e inteiramente separadas em seus estilos de investigação, não importa quanto e quão estreitamente devamos integrar as noções dos dois magistérios para construir a visão rica e completa da vida chamada tradicionalmente de sabedoria. Assim, antes de apresentar alguns exemplos (na segunda parte do capítulo, mais concreta) que sustentarão as generalidades da primeira seção, devo defender essas duas alegações fundamentais a respeito dos MNI de um desafio evidente inerente à estrutura de minha argumentação (GOULD, 2002, p.52).

É possível perceber que a concepção dos “Magistérios Não-Interferentes” de Gould propõe que tanto religião quanto ciência: 1º - possuem concepções igualmente válidas e 2º - são áreas distintas. Ao validar o campo de atuação da religião, acaba por irritar um grupo de cientistas que afirmam que a religião dever ser expulsa dos debates públicos, além de substituída do foro particular pela crença na ciência.

Nas próximas linhas, serão apresentadas as ideias desses pensadores do neoateísmo, a começar pelo neurocientista e militante ateu Sam Harris.

SAM HARRIS, SUA VISÃO SOBRE A CIÊNCIA E CONFLITO COM A RELIGIÃO

Do grupo principal do movimento neoateu, destacam-se Sam Harris, neurocientista americano, e Richard Dawkins, biólogo evolutivo e etólogo inglês. Ambos têm colocado no mercado editorial diferentes obras.

Sam Harris compromete-se com demonstrar que a ciência pode ocupar locais normalmente dados à religião, como o discurso moral e ético. O conceito de conflito entre ciência e religião ainda seria importante e até indispensável nesta luta que empenha.

[...] ainda assim, para meu espanto, três dias não bastaram para que se fechasse acordo em torno de uma questão simples: se existe algum conflito entre religião e ciência. Imagine um encontro de montanhistas incapazes de decidir se seu esporte envolve caminhar morro acima, e você terá uma ideia de quão bizarras nossas deliberações começam a parecer (HARRIS, 2013, p. 26).

No trecho, o neurocirurgião diz se espantar que alguns de seus apoiadores, cientistas como ele, ainda discutam tal argumento. A sustentação da obra parte do ataque ao conceito do biólogo Stephen Jay Gould, muito popular entre os cientistas não-alinhados com o pensamento neoateu:

A comunidade científica é predominantemente secular [...] Recentemente analisei todas as aparições do termo “religião” nos arquivos da revista em um período de dez anos, e descobri que os editores da *Nature*, no geral, têm aceitado a noção falida de “magistérios não intervenientes” de Stephen J. Gould — a ideia de que a ciência e a religião, se compreendidas adequadamente, não podem nunca estar em conflito, pois constituem diferentes domínios do conhecimento. Como um editorial observou, os problemas surgem apenas quando uma dessas disciplinas “invade o território da outra e causa confusão”. A alegação por trás disso é que, enquanto a ciência é a maior autoridade no funcionamento do universo físico, a religião é a maior autoridade nas questões de propósito, valores, moralidade e de como viver uma boa vida. Meu objetivo ao escrever este livro é convencê-lo de que não só isso não é verdade, mas não pode ser verdade de jeito nenhum (HARRIS, 2013, p. 11).

Sam Harris assume uma posição sobre a ideia dos “Magistérios Não-Interferentes” e propõe que se a ignore, porquanto fosse ultrapassada. Entretanto, o conceito de Gould ensejou fundamentação teórica para uma contrateoria acerca do conflito entre ciência e religião, uma vez que muitos dos historiadores da ciência, como Peter Harrison, Ronald Numbers, Ian Barbour, entre outros, não estão convencidos deste conflito.

A contra-argumentação de Harris visa a uma atitude ativa e beligerante com o fim de tomar o espaço antes da religião. Baseando-se na Teoria da Evolução e nas descobertas de sua própria especialização, a neurociência, defende que boa parte das atitudes dos homens pode ser explicada através do filtro evolutivo. A noção de “bem-estar”, princípio norteador de sua teoria, viria a definir a noção de cooperação humana e moralidade subsequente. Esta é uma visão teórica sobremaneira utilitarista, que falha à observação dos fatos, mas não deixa de ser um argumento surpreendente para a tentativa de demonstrar a plausibilidade da ciência como parâmetro moral.

A situação é a seguinte: se as alegações básicas da religião forem verdadeiras, isso significa que a visão científica de mundo é tão obtusa e suscetível a modificação sobrenatural a ponto de se tornar ridícula; se forem falsas, significa que a maioria das pessoas está profundamente enganada sobre a natureza da realidade, deixando-se asoberbar por esperanças e medos irracionais e tendendo a desperdiçar tempo e atenção preciosos — muitas vezes com resultados trágicos. Será que essa é realmente uma dicotomia sobre a qual a ciência pode se declarar neutra? (HARRIS, 2013, p. 27).

Para Harris, não há possibilidade de a religião ter bases verdadeiras, visto que invalidaria toda sua construção teórica. Esta total oposição entre suas ideias científicas e a religião são a delimitação de sua teoria; por que não o dizer também de sua própria filosofia de vida? Tal ponto de vista extremo pode ser visto também como um radicalismo fundamentalista, cuja base, em vez da religião, é a ciência.

Para o movimento neoateu, a religião não deve somente estar expulsa do espaço ou debate público, como também do âmbito privado e de todas as esferas do conhecimento. Harris sabe que as acusações de cientificismo virão e ele as rejeita:

Acusações de “cientificismo” não tardarão. Sem dúvida, algumas pessoas ainda rejeitarão qualquer descrição da natureza humana que não tenha sido feita antes em versos decassílabos. Muitos leitores poderão ainda temer que meu argumento seja vago ou explicitamente utópico. Não é, como há de ficar claro mais adiante (HARRIS, 2014, p.46).

A delimitação estrita de Sam Harris está baseada no pressuposto de sua especialidade e na crença evolucionista sobre a religião, sinalizando algo que já foi útil no passado, mas perdeu seu sentido:

Ainda assim, as pessoas imaginam que em princípio não existe conflito entre ciência e religião porque muitos cientistas são eles próprios “religiosos”, e alguns até acreditam no Deus de Abraão e na verdade dos antigos milagres. Mesmo os extremistas religiosos valorizam alguns produtos da ciência — antibióticos,

computadores, bombas etc. —, e essas sementes da curiosidade, dizem-nos, podem ser pacientemente regadas de uma forma que não ofereça nenhum insulto à fé religiosa (HARRIS, 2013, p. 142-143).

Sam Harris opta pela “tese de conflito” declaradamente, em sua obra. A partir de certo ponto, ataca a figura de Francis Collins, físico-químico, geneticista médico e ex-chefe do Projeto Genoma Humano, autor do livro *A Linguagem de Deus*. Este é um exemplo, para Harris, de um cientista com fé que não acredita no conflito entre ciência e religião.

Na verdade, Harris lança mão da que pode ser chamada “falácia do espantalho” (DOWNES)⁵: extrai uma interpretação da criação de um inimigo imaginário adaptado aos próprios conceitos e, no lugar de atacar o argumento oposto, ataca o argumento tendenciosamente interpretado. Por fim,

O que é irracional, e irresponsável em um cientista e educador, é fazer alegações injustificadas e injustificáveis sobre a estrutura do universo, sobre a origem divina de certos livros e sobre o futuro da humanidade com base em tais experiências. E, mesmo pelos padrões ordinários da experiência contemplativa, os fenômenos que Collins descreve em apoio às suas crenças religiosas mal merecem discussão (HARRIS, 2013, p. 148).

Harris dedica várias páginas a Collins, ficando implícito seu inimigo: o paradigma de cientista que deve ser rejeitado. Como já foi escrito nesta tese, a luta de Harris contra a religião e seus portadores é devido ao seu paradigma de conflito próprio, pois, ao avaliar que os conceitos e preceitos da religião estivessem coerentes, os seus estariam, por assim dizer, errados. Não há nada mais irracional para Harris que um cientista religioso. Por fim, na obra, preocupa-se se a moralidade não está sozinha nessa pesquisa, desde que vários pesquisadores evolucionistas estão preocupados como o desenvolvimento da moral. No Brasil, o professor de filosofia e sociologia do IFMG Campus Avançado Ponte Nova, José Costa Júnior⁶, também é um pesquisador do assunto e oferece algumas explicações:

O principal objetivo é avaliar se as diversas investigações científicas baseadas no modelo evolutivo estruturado pelo britânico Charles Darwin produzem exposições esclarecedoras acerca de elementos como a capacidade humana de produzir juízos morais, o conteúdo de nossas crenças morais e o modo como pensamos sobre a moral. O trabalho se dá a partir da apresentação e da crítica das diferentes propostas que têm como objetivo compreender a moralidade e seus elementos partindo da perspectiva evolucionista. (JÚNIOR, 2018).

⁵ Disponível em: <<https://criticanarede.com/falacias.html>>. Acesso em 30/08/2020.

⁶ Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/academico/2018/02/07/Como-o-modelo-evolutivo-de-Darwin-nos-ajuda-a-entender-a-moralidade>>. Acesso em 18/07/2019.

Nos próximos parágrafos, outro cientista relacionado com o movimento neoateu será tomado para a discussão, Richard Dawkins. Dawkins é um cientista de língua inglesa, como Harris, e esteve na ribalta dos acontecimentos midiáticos durante muitos anos.

RICHARD DAWKINS, GOULD E O ENCANTAMENTO CIENTÍFICO

Apesar de Richard Dawkins questionar as referências do paleontólogo e ensaísta Stephen Jay Gould sobre os “Magistérios Não-Interferentes”, refere-o como biólogo com frequência em obras de divulgação científica. Algumas das citações podem ser encontradas em *O rio que saía do Éden: uma visão darwinista da vida* (1996, p. 126), *Desvendando o arco-íris: ciência, ilusão e encantamento* (2000, p. 168-169; 170-173; 175-180) e *O maior espetáculo da Terra: as evidências da evolução* (2009, p. 123; 381). Destaca-se em quantidade o de 2000. Em um dos trechos:

Os meus exemplos restantes de má poesia na ciência evolucionária vêm em grande parte de um único autor, o paleontólogo e ensaísta americano Stephen Jay Gould. Espero que essa concentração crítica num só indivíduo não seja tomada como rancor pessoal. Ao contrário, é a excelência de Gould como escritor que torna os seus erros, quando eles ocorrem, tão dignos de refutação (DAWKINS, 2000, p.168).

No trecho, atesta-se a rivalidade de Dawkins aos escritos de Gould. Diversas referências, pelo menos em *O rio que saía do Éden*, mostram o mesmo. Ou seja, é antiga a rivalidade, primeiramente devido às posições para com a evolução; depois, devido à teoria sobre a papel da religião na sociedade e na história, de Gould. Contudo, Dawkins respeita várias das teorias de Gould como paleontólogo.

A rivalidade foi explorada no livro de Kim Sterelny, *Dawkins vs. Gould: Survival of the Fittest* (2001). São expostas as posições da teoria biológica evolutiva dos dois pensadores. A autora procura ver as diferenças entre eles, longe de meramente sutis. Estas divergências se fazem sentir em assuntos evolucionistas.

At first glance, the heat of this exchange is puzzling. For Dawkins and Gould agree on much that matters. They agree that all life, including human life, has evolved over the last 4 billion years from one or a few ancestors, and that those first living things probably resembled living bacteria in their most crucial respects. They agree that this

process has been wholly natural; no divine hand, no spooky interloper, has nudged the process one way or another (STERELNY, 2001, p. 4).⁷

Percebe-se que os autores concordam em muito. Não obstante, com Gould ainda vivo, engajaram-se em polêmicas, cada vez mais públicas. Suas diferenças podem ser observadas pela posição que cada um tem em relação à evolução das espécies:

Moreover, and most famously, Dawkins argues that the fundamental history of evolution is the history of gene lineages. The molecular biology of genes – the chemical details of their action, interaction and reproduction - is alarmingly complex. But fortunately Dawkins does not allow himself to be bogged down in these details, and we can follow his lead. He argues that the critical agents in life's drama must persist over long periods precisely because the invention of adaptation requires a long series of small changes. Hence the target of selection is a lineage that persists over many generations. Gene lineages and only gene lineages satisfy this condition. Genes are replicated: there are mechanisms that copied some of my genes into my daughter's genome; and those same mechanisms are capable of copying those same genes generation by generation (STERELNY, 2001, p. 7-8).⁸

A história da vida, para Dawkins, é uma “guerra invisível” da transmissão dos genes. Gould manifesta desacordo:

Gould sees the living world very differently. Life today is fabulously diverse. But many forms of life that used to dominate their environments are no longer with us. Gould is a palaeontologist, and so much of his professional life concerns extinction: from the spectacular extinction of the dinosaurs, pterosaurs and huge marine reptiles, to the less obtrusive, and yet in Gould's eyes more fundamental, extinctions of weird marine invertebrates 500 or more million years ago. [...] Dawkins is impressed by the power of selection to build adaptations. Gould is equally struck by conservative aspects of the history of life (STERELNY, 2001, p. 10-11).⁹

⁷ À primeira vista, o calor dessa troca é intrigante. Dawkins e Gould concordam em muitas coisas importantes: que toda a vida, incluindo a vida humana, evoluiu nos últimos 4 bilhões de anos a partir de um ou alguns ancestrais, e que essas primeiras coisas vivas provavelmente se assemelhavam às bactérias vivas em seus aspectos mais cruciais. Eles concordam que esse processo foi totalmente natural; nenhuma mão divina, nenhum intruso assustador, empurrou o processo de um jeito ou de outro. [tradução própria]

⁸ Além disso, e o mais famoso, Dawkins argumenta que a história fundamental da evolução é a história das linhagens genéticas. A biologia molecular dos genes – os detalhes químicos de sua ação, interação e reprodução – é assustadoramente complexa. Mas, felizmente, Dawkins não se permite ficar atolado nesses detalhes e podemos seguir seu exemplo. Ele argumenta que os agentes críticos no drama da vida devem persistir por longos períodos, precisamente porque a invenção da adaptação requer uma longa série de pequenas mudanças. Portanto, o alvo da seleção é uma linhagem que persiste por muitas gerações. As linhagens gênicas e apenas as linhagens gênicas satisfazem essa condição. Os genes são replicados: existem mecanismos que copiaram alguns dos meus genes para o genoma da minha filha; e esses mesmos mecanismos são capazes de copiar esses mesmos genes de geração em geração [tradução própria].

⁹ Gould vê o mundo dos vivos de maneira muito diferente. A vida hoje é fabulosamente diversificada. Mas muitas formas de vida que costumavam dominar seus ambientes não estão mais entre nós. Gould é um paleontólogo, e grande parte de sua vida profissional diz respeito à extinção: da extinção espetacular dos dinossauros, pterossauros e enormes répteis marinhos, aos menos intrusivos, e ainda aos olhos de Gould mais fundamentais, extinções de estranhos invertebrados marinhos 500 ou mais milhões de anos atrás. [...] Dawkins está impressionado com o

Segundo Gould, a maioria das mutações seria na verdade neutra, porque seriam erros de cópia e, assim, quando o gene se replica, às vezes são benéficas. Outro ponto essencial na diferença entre os dois autores é a de que Dawkins usa a ciência para iluminação e racionalidade, como uma bandeira, mas Gould não (STERELNY, 2001, p. 14).

Além das disputas profissionais com Gould, Dawkins atrai muitos outros críticos em diversas áreas. Eles dizem que o autor inglês se especializou em sofismas, falácias que levam à superficialidade o debate entre ciência e religião. Entre os críticos estão Alister McGrath em *O Delírio de Dawkins* (2007) e *O Deus de Dawkins: genes, memes e o sentido da vida* (2008), Terry Eagleton no *A morte de Deus na cultura* (2016), Roger Scruton em *O rosto de Deus* (2015) e *Sobre a natureza humana* (2020) e outros.

Como Sam Harris, o biólogo inglês imprime um encantamento pela ciência como uma mensagem prosélita. À entrada do livro *Deus: um delírio* (2006), é quase religioso ao mencionar seu amor ao conhecimento científico, procurando arrebatá-lo a um deslumbramento pela ciência. Talvez Dawkins saiba que sem a sensação de descoberta e mistério, o leitor se cansará rapidamente do que ele vislumbra divulgar.

Todos os livros de Sagan tocam no nervo exposto do assombro transcendente monopolizado pela religião nos últimos séculos. Meus livros têm a mesma aspiração. Em consequência disso, muitas vezes me vejo descrito como um homem profundamente religioso. Uma estudante americana me escreveu dizendo que tinha perguntado ao seu professor se ele tinha uma opinião sobre mim (DAWKINS, 2006, p. 27).

Como Harris, Dawkins ataca o “Modelo de Magistérios Não-Interferentes” de Gould, para ele pertencente a uma das obras mais fracas do autor. Percebe-se a via padrão de recusa da ciência e religião como ideias separadas, mas de aceitação como antagônicas.

Dawkins cita Alister McGrath, teólogo e cientista anglicano, no que se refere a Stephen Jay Gould:

McGrath prossegue citando Stephen Jay Gould num tom parecido: "Dizer para todos os meus colegas e pela milionésima vez (de debates universitários até tratados complexos): a ciência simplesmente não é capaz (por seus meios legítimos) de adjudicar a questão da possível superintendência de Deus sobre a natureza. Nem a afirmamos nem a negamos; simplesmente não podemos comentá-la como cientistas". Apesar do tom confiante, quase agressivo, da declaração de Gould, qual é, na verdade, sua justificativa? Por que não devemos comentar sobre Deus como cientistas? E por

poder da seleção para construir adaptações. Gould está igualmente impressionado com os aspectos conservadores da história da vida [tradução própria].

que o bule de Russell, ou o Monstro de Espaguete Voador, não são igualmente imunes ao ceticismo científico? Como argumentarei daqui a pouco, um universo com um superintendente criativo seria bem diferente de um universo sem esse superintendente. Por que não é uma questão científica? [...] Gould executou a arte de recuar a distâncias incríveis em um de seus livros menos admirados, *Pilares do tempo*. Ali ele cunhou a sigla MNI para o termo "magistérios não interferentes" [...] (DAWKINS, 2006, p. 67).

Seguindo aquele raciocínio, Dawkins desmerece o pensamento teológico, infantilizando suas questões. Uma das críticas a *Deus: um delírio* é a de que o autor trabalhou de forma muito superficial os seus temas (mas é preciso concordar que o livro é uma *avant-garde* de divulgação, não havia necessidade de se explorarem temas muito profundos no escrito).

Richard Dawkins dedicou várias páginas para atacar a teoria de “Magistérios Não-Interferentes”, de Gould. Pela observação do etólogo, reduzindo-se a religião e seus aspectos sobrenaturais, os principais argumentos deste magistério acabariam. Seria impossível aos cientistas, por conseguinte, que viessem a poder examiná-la, criticá-la.

Num dado momento do livro, Dawkins passa a ocupar-se com o conceito de moralidade. Com viés partindo de concepção baseada na própria pesquisa, em cujo escopo está a formulação do conceito de *gene egoísta* (as espécies tenderiam a sobreviver perpetuando genes através da seleção natural darwinista), sua noção para a sobrevivência do gene visa também à cooperação dos indivíduos em sociedade, como as abelhas, ou entre as outras espécies, em outros meios, por exemplo as flores. Nesta cooperação estaria a origem da moralidade, uma ilação em que novamente se apela a um sentido utilitário.

É a estratégia "Comece sendo legal, e dê aos outros o benefício da dúvida. A seguir pague as boas ações com boas ações, mas vingue-se das más ações". Na terminologia da teoria dos jogos, essa estratégia (ou família de estratégias relacionadas) possui vários nomes, como *Tit for Tat*, olho por olho ou de replicadores. Ela é evolutivamente estável sob certas condições no sentido em que, tomando-se uma população dominada por replicadores, nenhum indivíduo traidor, e nenhum indivíduo incondicionalmente cooperativo, terá vantagem. Existem outras variações mais complexas de olho por olho que sob algumas circunstâncias podem ter vantagem (DAWKINS, 2006, p. 228).

Pode-se perceber um discurso de encantamento em Dawkins, reservado, porém, à ciência, e de forma alguma à religião, deixando entrever confiança irrestrita depositada na ciência. Nas obras citadas de cada autor, reconhecemos que rejeitam em absoluto a alguma contemplação da religião. Dawkins e, subsequentemente, Harris, fazem questão de encerrar a área como farsa e/ou autoengano. Ocorre que tal detrimento está atrelado ao encantamento científico. Para os autores, a ciência pode ser a fonte de explicação para a realidade. Em não havendo uma explicação para o todo no agora, no futuro haverá.

CONCLUSÃO

O trabalho de S. J. Gould representa uma tentativa de solucionar um conflito na literatura da história da ciência com uma linguagem rápida e fácil. O livro é muito simples de ser lido. Os mitos antirreligiosos que sobrevivem, como o caso de Galileu e a lenda da Terra plana, o preocupa. Este que comento voltou à cena devido ao surgimento das redes sociais de Internet. No mundo pós-moderno, as bolhas identitárias acabam sobressaindo melhor que as evidências científicas. Os militantes ateus, como Harris e Dawkins, fazem oposição a concepções com a religião, por verem que as ideias de suas linhas são um impedimento à concepção dos neoateus para um protagonismo da ciência na sociedade moderna e, como consequência, dos cientistas.

Gould foi um paleontólogo muito conhecido neste meio, que se popularizou com os livros sobre a relação entre os magistérios, com teoria que não agradou Harris e Dawkins. Contudo, suas pesquisas no seu ramo de formação provocaram tanto quanto rivalidade, respeito. É tão assim que, nas obras de divulgações científicas, Dawkins percorre inúmeras referências ao autor, relacionando o trabalho profissional de Gould como parte de seu encantamento pela ciência mais positivamente ligada à Teoria da Evolução. Harris, de outra parte, não se sentiu tão atraído pela intelectualidade do paleontólogo americano.

A concepção para solucionar o estágio de conflito entre ciência e religião tem alguns problemas, dentre os quais, que sempre haverá pontos de contato entre ambos magistérios, ocasionalmente até conflitos de interesses. As discussões da pesquisa de células-troncos e a legalização do aborto podem ser apontadas como exemplos disso. Entre tantos outros, estes temas nunca poderão ser apenas das ciências, na medida em que envolvem problemas éticos, morais, filosóficos e teológicos; nunca poderão ser tratados exclusivamente sob a lógica de uma ciência pura. Talvez a solução de Gould seja muito mais um direcionamento do que outra coisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOUR, Ian G. **Quando a ciência encontra a religião**. Tradução Paulo Salles. São Paulo: Cultrix, 2004.

DAWKINS, Richard. **O rio que saía do Éden**: uma visão darwinista da vida. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

_____. **Desvendando o arco-íris**: ciência, ilusão e encantamento. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Deus, um delírio.** Trad. de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **O maior espetáculo da Terra:** as evidências da evolução. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

EAGLETON, Terry. **A morte de Deus na cultura.** Rio de Janeiro: Record, 2016.

GOULD, Stephen Jay. **Pilares do tempo:** ciência e religião na plenitude da vida. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2002.

JÚNIOR, José Costa. Como o modelo evolutivo de Darwin nos ajuda a entender a moralidade. Disponível em: <www.nexojornal.com.br/academico/2018/02/07/Como-o-modelo-evolutivo-de-Darwin-nos-ajuda-a-entender-a-moralidade>. Acesso em 18/07/2019.

HARRIS, Sam. **Carta a Uma Nação Cristã.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **A paisagem moral:** Como a ciência pode determinar os valores humanos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HARRISON, Peter. **Os Territórios da ciência e da religião.** Visoça: Ultimato, 2017.

MCGRATH, Alister. **O Delírio de Dawkins.** São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

_____. **O Deus de Dawkins:** genes, memes e o sentido da vida. São Paulo: Shedd, 2008.

SCRUTON, Roger, **O rosto de Deus.** São Paulo: É Realizações, 2015.

_____. **Sobre a natureza humana.** Rio de Janeiro: Record, 2020.

SILVA, Rogério Fernandes da. **Graças a Deus sou ateu:** humor e conflito entre ciência e religião nas comunidades neoateístas do Facebook. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

STERELNY, Kim. **Dawkins vs. Gould:** Survival of the Fittest. Cambridge: Icon Books, 2001.